



Notas sobre causativização em Parkatêjê (Timbira)

Sindy Rayane de Souza Ferreira* e Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa, 1, 66075-110, Guamá, Belém, Pará. *Autor para correspondência. E-mail: sindyrayane@hotmail.com

RESUMO. O presente artigo objetiva descrever e analisar aspectos morfossintáticos e semânticos relacionados ao fenômeno de causativização em Parkatêjê (língua indígena da família Jê, tronco Macro-Jê, filiada ao complexo dialetal Timbira). Esta pesquisa tem como base a teoria funcionalista e desenvolveu-se de acordo com as seguintes etapas: i) levantamento, leitura e análise crítica dos materiais bibliográficos; ii) trabalho de campo para coleta de dados realizada na Comunidade Indígena Parkatêjê; iii) transcrição, organização e análise dos dados. Da perspectiva morfossintática, a causativização é um processo relacionado ao aumento de valência verbal, isto é, à mudança das funções e relações gramaticais dos argumentos de um verbo. Da perspectiva semântica, consiste em um fenômeno associado à relação de causa e efeito, em que um verbo causativo permite que o sujeito de uma oração aja sobre outro argumento. Na língua Parkatêjê, a causativização se manifesta por meio do verbo *to*, cujo significado primeiro é 'fazer' e que causativiza verbos intransitivos ativos e estativos. O trabalho fundamenta-se nos postulados teóricos de Givón (1975), Shibatani (1976, 2002), Comrie (1989), Shibatani e Pardeshi (2002), Dixon (1994), entre outros, e apresenta uma contribuição inédita aos estudos dessa língua indígena brasileira.

Palavras-chave: construções causativas; morfossintaxe; semântica.

Notes on causativization in Parkatêjê language (Timbira)

ABSTRACT. The objective of this paper is to describe and analyze morphosyntactic and semantic aspects related to the phenomenon of causativization in Parkatêjê (Indigenous language of the Jê family, Macro-Jê stock, and grouped in the Timbira dialect complex). This research is based on functionalist theory, and developed according to the following steps: i) survey, reading and analysis of bibliographic materials; ii) fieldwork for collecting of data carried out in the Parkatêjê Indigenous Community; iii) transcription, organization and analysis of the data. The causativization is a process related to the change of functions and grammatical relations of the arguments of a verb. Semantically, it is a phenomenon associated with the relation of cause and effect, in which a causative verb allows the subject of a sentence to act on another argument. In the Parkatêjê language, causativization is manifested through the verb *to*, whose primary meaning is 'to do' and which affects active and stative intransitive verbs. The work is based on the theoretical postulates of Givón (1975), Shibatani (1976, 2002), Comrie (1989), Shibatani and Pardeshi (2002), Dixon (1994), among others. This study presents an original contribution to the description of Parkatêjê language.

Keywords: causative constructions; morphosyntax; semantics.

Introdução

A língua Parkatêjê é falada pelo povo indígena, também denominado Parkatêjê, que vive atualmente na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), em aldeias localizadas ao longo da rodovia BR-222, às proximidades do município de Marabá, no estado do Pará. Esta língua faz parte da família Jê setentrional, tronco linguístico Macro-Jê, e juntamente com as línguas Apãniekrá, Krahô, Pykobjê, Krênjê, Krikati e Ramkokamekrá forma um complexo dialetal denominado 'Timbira' (Rodrigues, 1999). Elas são assim classificadas por compartilharem diversos aspectos entre si, em cada componente linguístico

seja esse fonético-fonológico, morfológico, sintático. Dos aspectos morfossintáticos destacam-se (a) a ordem neutra dos constituintes na sentença – SOV; (b) a ocorrência de prefixos relacionais – sejam estes analisados dessa forma ou como modificações na raiz das palavras; (c) as diferentes formas verbais conhecidas ou como formas finitas e não-finitas ou formas longas e curtas, entre outras.

A causativização é um fenômeno linguístico estudado à luz das perspectivas morfossintática e semântica. Por isso, tal fenômeno pode ser classificado como um processo responsável por uma reorganização das funções e relações gramaticais dos

argumentos de um verbo, com aumento de sua valência, mas também pode ser considerado um fenômeno associado à relação de causa e efeito entre um verbo e seus argumentos. Todas as línguas possuem maneiras distintas de expressar a causativização, mas o modo como este fenômeno se manifesta varia entre as línguas. O presente artigo tem o objetivo de discutir questões relacionadas à causativização em Parkatêjê, apresentando aspectos morfofossintáticos e semânticos desse fenômeno na língua.

Causativização: considerações teóricas

O estudo da causativização tem recebido atenção de linguistas de diversas partes do mundo desde a metade da década de 1960. Desde então, vários linguistas e tipólogos têm se dedicado aos estudos da causativização nas línguas naturais, contribuindo assim para a tipologia dos causativos. Dentre eles, destacamos Givón (1975), Shibatani (1976), Comrie (1989), Dixon (1994), Shibatani (2002), Shibatani e Pardeshi (2002), entre outros autores, que embasam a discussão sobre a causativização neste artigo.

A causativização pode ser estudada a partir das perspectivas morfofossintática e semântica. Da perspectiva morfofossintática, é possível dizer que a causatividade é um processo comumente relacionado ao aumento de valência verbal, isto é, ao estender as posições da estrutura argumental de um verbo, provocam-se mudanças nas funções e relações gramaticais nos argumentos de um verbo. No entanto, é importante destacar que existem línguas em que a alteração da estrutura argumental ocorre sem a mudança da valência verbal. Da perspectiva semântica, ela consiste em um fenômeno associado à relação de causa e efeito. O verbo causativo, sendo geralmente transitivo, exige que o sujeito da oração aja sobre outro argumento, fazendo com que este realize alguma ação ou mude seu estado, construindo uma relação de causa e efeito (Neves, 2000).

Para Lyons (1979), uma operação causativa tem por efeito introduzir um sujeito agentivo em uma construção intransitiva para dar origem a uma construção transitiva. Porém, em certas línguas, a operação causativa também pode adicionar um sujeito agentivo a uma construção transitiva, fazendo com que esta receba um terceiro argumento. Há também línguas em que cada verbo base, mesmo sendo bitransitivo, não pode ter mais de dois argumentos, de modo que, ao receber o terceiro, um dos argumentos do verbo base é omitido ou deslocado para a função de adjunto.

Tanto as construções intransitivas quanto as transitivas podem receber um novo argumento por intermédio de causativização. Ressaltando principalmente as características morfofossintáticas das construções causativas, Dixon (1994) apresenta as principais características de um causativo prototípico: o causativo aplica-se a uma sentença intransitiva básica e forma uma transitiva derivada; o argumento na função S (de sujeito da intransitiva / o *causee*) vai para a função O (de objeto da transitiva) no causativo; então, um novo argumento (o *causer*, que é alguém ou alguma coisa que inicia ou controla a atividade) é introduzido em função A (de sujeito da transitiva).

Conforme exposto por Shibatani (1976), a definição da expressão 'causatividade' deve ser dada em termos semânticos. Para o autor, o processo de causativização é compreendido a partir de uma estrutura bieventiva, tendo em vista que envolve a realização de dois eventos que ocorrem em momentos distintos, mas que estão ligados um ao outro. Deste modo, o evento causador se realiza em um primeiro momento, ao passo que o evento causativo acontece no momento seguinte. Isto quer dizer que, primeiramente, um elemento causador desencadeia o evento causativo, o qual induz o elemento afetado a realizar, posteriormente, outra ação ou processo.

Comrie (1989) apresenta uma tipologia das construções causativas e seus universais. O autor defende a existência de aspectos sintáticos, ligados à natureza do verbo causativo, e aspectos semânticos, relacionados ao agente causador, que resultam na estrutura das sentenças causativas. Para ele, nesse tipo de construções, determinado verbo causativo terá um argumento a mais que o seu verbo correspondente não causativo pela adição de um sintagma nominal (SN), expressando a pessoa ou a coisa que ocasiona aquela ação. São várias as estratégias que a sintaxe das línguas utiliza para acomodar esse SN extra. O presente trabalho reunirá algumas dessas estratégias descritas na literatura pertinente ao tema.

Similarmente à concepção de Shibatani, Comrie (1989) considera a causativização um epifenômeno que envolve duas microsituações (a causa e o efeito dessa causa) resultando em uma macrosituação (o todo):

Qualquer situação causativa envolve duas situações componentes, a causa e o seu efeito (resultado). Imaginemos a seguinte cena: o ônibus não aparece; como resultado, estou atrasado para um compromisso. Neste exemplo simples, a não vinda do ônibus está funcionando como causa, e meu atraso para o compromisso funciona como efeito. Estas duas microsituações combinadas dão uma

única e complexa macrossituação, a situação causativa (Comrie, 1989, p. 165).

Em geral, nas construções causativas, o agente causador desencadeia um evento (evento causador) que causa outro evento (evento causativo/efeito). As estruturas causativas apresentam as seguintes características: o evento causador, o evento causativo, o participante causador e o participante afetado. Nessa mesma linha, Givón (1975) defende que há um sujeito agente da proposição-causa, o qual deve ser considerado sujeito de toda a expressão causativa, e um sujeito paciente da proposição-efeito, que é considerado o objeto da causação.

Tipos de construções causativas

A causativização é um fenômeno comum nas línguas humanas e o modo como se realiza varia de uma língua para a outra. Algumas línguas utilizam mecanismos morfológicos, outras mecanismos sintáticos e um terceiro grupo emprega ambos os mecanismos. Comrie (1989) destaca três formas de realização das construções causativas: morfológica (ou sintética), perifrástica (ou analítica) e lexical, as quais serão apresentadas a seguir.

Causativo morfológico

Na causativização morfológica (ou sintética), um verbo não causativo sofre aumento de valência por meio de morfologia causativa. Nesse processo, há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa, configurando uma oração simples, ou seja, com apenas um predicado verbal.

Para Comrie (1989), há, pelo menos, duas características principais de uma construção causativa morfológica prototípica: i) o predicado causativo está relacionado ao predicado não causativo por mecanismos morfológicos (como a afixação, por exemplo); ii) é possível tomar qualquer predicado e formar um predicado causativo a partir dele pelo significado morfológico apropriado. É possível até mesmo formar um predicado causativo de outro causativo.

Na língua Apãniekrá, de acordo com a descrição apresentada em Castro-Alves (2004), o mecanismo de causativização dos verbos intransitivos (ativos e não ativos) é morfológico. A estrutura desse tipo de causativização “[...] consiste de uma construção onde o verbo causativo e o encaixado são colexicalizados em uma estrutura derivada, morfológicamente complexa, mas sintaticamente um verbo simples” (Comrie apud Castro-Alves, 2004, p. 73).

Castro-Alves (2004, p. 73-74):

(1) ko; kakro

Água; estar.quente

‘A água está quente’.

(2) a-te; ko; to = i?-kakro

2-ERG; água; CAUS; 3-estar.quente

‘Você esquentou a água’.

Segundo Castro-Alves (2004), as construções causativas morfológicas em Apãniekrá utilizam o clítico ‘to’ para transformar verbos intransitivos em transitivos. A autora mostra que os predicados intransitivos não ativos podem ser acrescidos de uma posição argumental para expressar o sujeito agente (*causer*). A construção causativizada derivada apresenta o causativizador ‘to’ cliticizado ao verbo intransitivo.

Comrie (1989) destaca alguns universais sintáticos e semânticos relacionados às construções causativas morfológicas. Primeiramente, ele afirma que a construção causativa morfológica normalmente tem uma valência maior que o seu correspondente não causativo, uma vez que, além dos argumentos do predicado não causativo, há também a introdução do *causer* (o agente da causação). Nas construções causativas analíticas (conhecidas também como perifrásticas ou sintáticas), não há problema com essa introdução, uma vez que cada um dos dois predicados, que expressam causa e efeito, mantém seu próprio conjunto de argumentos. No entanto, nos causativos morfológicos, os argumentos dos dois predicados semânticos têm que estar combinados em um único conjunto de argumentos de um único predicado. Comrie (1989) afirma que algumas línguas resolvem este problema do aumento de valência alterando a expressão do *causee* (o paciente da causação), omitindo-o da construção causativa, como ocorre em Songai:

Comrie (1989, p. 175):

(3) Ali; nga-ndi; tasu; di

Ali; comer-CAUS; arroz; o

‘Ali fez alguém comer o arroz’.

Nessa língua e em outras línguas Afro-Asiáticas, o número total de argumentos para cada verbo causativo não deve passar de dois, independentemente da transitividade do verbo não causativo. Assim, quando um novo argumento é introduzido na estrutura argumental, um dos argumentos do verbo não causativo passa a ocupar a posição de adjunto ou é omitido.

Causativo perifrástico

Em um protótipo de construção causativa perifrástica, os predicados que expressam a noção de causa e de efeito estão separados (Comrie, 1989). Isto quer dizer que não há contração do elemento

causativo com o verbo da oração não causativa. Logo, a estrutura causativa não é realizada por meio de uma oração simples, e sim por uma oração complexa. A construção causativa perifrástica é exemplificada na sentença a seguir, retirada de Comrie (1989, p. 167), em que o predicado de causação ‘cause’ está sintaticamente separado do predicado de efeito ‘go’:

- (4) I caused John go.
 ‘Eu fiz João ir’.
 Lit. ‘Eu causei João ir’.

Na língua Apinajé (que também pertence à família Jê), é possível observar construções causativas perifrásticas, como mostra o exemplo abaixo:

Oliveira (2005, p. 262):

- (5) na; ka; ri; ic-t-ɔ; a; ne; pa; rɔp; kura¹
 RLS; 2; DEM; I-RP-do; thus; 1; dog; hit
 RLS; 2; DEM; eu-RP-fazer; assim; 1; cachorro; bater
 ‘You caused me hit the dog.’ / Lit. ‘You did me thus, I hit the dog.’
 ‘Você me causou bater no cachorro’ / Lit. ‘Você me fez assim, eu bati no cachorro’.

Segundo Oliveira (2005), nessa língua a construção causativa perifrástica é caracterizada pela ocorrência da expressão ‘ɔ anê’, que significa ‘fazer assim’ e que expressa a causa, mais uma oração subsequente codificando o resultado. “[...] a oração que codifica a situação resultante não é um simples complemento embutido estruturalmente, mas uma oração com sujeito diferente em uma relação paratática com a oração que expressa a causa” (Oliveira, 2005, p. 261, tradução nossa)². A oração que expressa a causa e a que codifica a situação resultante estão em uma relação de coordenação. O objeto de ‘ɔ anê’ é correferente com o sujeito da oração resultante.

Causativo lexical

Comrie (1989) aponta um terceiro tipo de causativo: o lexical. Esse causativo é um *continuum* entre o causativo analítico e o morfológico. Na causativização lexical, conforme o autor, o predicado não causativo e sua contraparte causativa não possuem aparentemente nenhuma relação morfológica. É imprescindível observar que essa relação provavelmente já tenha sido lexicalizada ao longo da evolução da língua. O causativo lexical parece ser menos produtivo nas línguas do que os causativos morfológico e analítico.

Comrie (1989) descreve dois tipos de causativos lexicais presentes nas línguas: i) sem mudança na forma do verbo – como o verbo *melt* ‘derreter’, transitivo e intransitivo em inglês (*The ice melt* ‘O gelo derrete’ / *John melt the ice* ‘João derrete o gelo’) – como os verbos *lâbil*; ii) com mudança na forma do verbo – como os verbos *die* ‘morrer’ e *kill* ‘matar’, intransitivo e transitivo, respectivamente, em inglês (*The thief died* ‘O ladrão morreu’ / *The police killed the thief* ‘A polícia matou o ladrão’).

Em Tenetehára (língua da família Tupi-Guarani), existem construções causativas lexicais, como apresentadas no par de verbos *mãno* ‘morrer’ / *zuka* ‘matar’ nos exemplos a seguir:

Camargos (2013, p. 29):

- (6) u-mãno; mutuk; a’e
 3-morrer; mutuca; ela
 ‘A mutuca morreu’.
 (7) u-zuka; kuzà; mutuk; a’e
 3-matar; mulher; mutuca; ela
 ‘A mulher matou a mutuca’.

Conforme Camargos (2013), na causativização lexical do Tenetehára, há aumento de valência por meio da alteração na forma verbal. Em tal processo, o predicado não causativo e sua contraparte causativa parecem não possuir nenhum tipo de relação morfológica, sendo tal relação lexicalizada.

A semântica dos causativos: causativização direta, indireta e sociativa

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 89) apresentam uma tipologia funcional das construções causativas para mostrar como os três tipos de causativos formalmente distintos (causativos morfológicos, perifrásticos e lexicais) estão distribuídos em um *continuum* semântico que envolve a distinção entre causativização direta e indireta. Para os autores, a causativização direta envolve um causador (*causer*) agentivo e um *causee* paciente, o qual é manipulado fisicamente pelo causador; a causativização indireta envolve dois participantes agentivos, um causador agente e um *causee* também agente, que obedece a um comando/instrução oral. Nesse *continuum*, a causativização direta está mais próxima da causativização lexical, e a causativização indireta, mais próxima das causativizações analítica e morfológica.

Shibatani e Pardeshi (2002) mostram também que no *continuum* semântico há uma categoria intermediária entre a causativização direta e indireta. Essa causativização intermediária é chamada de ‘causativização sociativa’ e ocorre quando um causador realiza a ação junto com um *causee*. Os autores distinguem três tipos de causativização

¹ Os significados das abreviações nas glosas do Apinajé, segundo Oliveira (2005), são: 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; CAUS = causativo; DEM = demonstrativo; RLS = realis; RP = prefixo relacional.

² “[...] the clause encoding the resulting situation is not structurally an embedded complement, but rather a different-subject clause in a paratactic relation with the clause that expresses the causation”.

sociativa: a ação conjunta (*joint-action*), que ocorre quando o causador e o *causee* realizam juntos a mesma ação; a assistência (*assistive*), quando o causador ajuda o *causee*, sem necessariamente realizar a ação com ele; e a supervisão (*supervision*), que acontece quando o causador supervisiona a ação realizada pelo *causee*. A seguir, demonstramos os três tipos de causativização sociativa com exemplos do Japonês, extraídos de Shibatani e Pardeshi (2002, p.100):

- (8) Hahaoya-ga; kodomo-o; asoba-se-te; i-ru
mother-NOM; child-ACC; play-CAUS-CONJ;
be-PRES
mãe-NOM; criança-ACU; jogar-CAUS-CONJ;
estar-PRES
'Mother is making the child play'.
'A mãe está fazendo a criança jogar' (Ação Conjunta).
(9) Hahaoya-ga; kodomo-ni; osikko-o; sa-se-te
mother-NOM; child-DAT; pee-ACC; do-CAUS-CONJ
mãe-NOM; criança-DAT; fazer xixi-ACU; fazer-CAUS-CONJ
'Mother is making the child pee'.
'A mãe está fazendo a criança fazer xixi' (Assistência).
(10) Hahaoya-ga; kodomo-ni; hon-o; yoma-se-te
mother-NOM; child-ACC; book-ACC; read-CAUS-CONJ
mãe-NOM; criança-ACU; livro-ACU; ler-CAUS-CONJ
'Mother is making child read a book'.
'A mãe está fazendo a criança ler um livro' (Supervisão).

Como dito antes, a causativização sociativa é um processo intermediário entre a causativização direta e indireta e, conforme mostram os exemplos, é identificada de acordo com o grau de participação do causador na ação realizada pelo *causee*: em (8), a mãe provavelmente joga com a criança; em (9), ela ajuda a criança a fazer xixi, sem necessariamente realizar a ação com ela; e em (10), ela apenas supervisiona a leitura do livro feita pela criança.

Para identificar o tipo semântico dos causativos, é necessário observar o tipo de construção causativa nela ocorrente. Conforme Shibatani e Pardeshi (2002), no *continuum* semântico, a causativização direta tende a estar mais relacionada às construções causativas lexicais e a causativização indireta, mais relacionada às construções causativas morfológicas e analíticas. Nesse *continuum*, a causativização sociativa seria um nível intermediário entre elas.

Causativização em Parkatêjê

Em Parkatêjê, os verbos intransitivos ativos e estativos podem ser causativizados por meio de

causativização perifrástica e morfológica. Há também alguns pares de verbos causativos lexicais.

Causativização perifrástica/analítica

Os verbos intransitivos ativos e estativos (descritivos) da língua Parkatêjê podem ser causativizados por intermédio de causativização perifrástica. Estes verbos são causativizados por meio da inserção do verbo causativo *to*, o qual aumenta a valência desses verbos, transformando as orações intransitivas em transitivas, como exemplificam os dados seguintes:

- (11) a. kwȳrpej; kahôn
Macaxeira; cozinhar-PAS
'A macaxeira cozinhou'.
b. i-te; *to*; kwȳrpej; kahôn
1-ERG; fazer; macaxeira; cozinhar-PAS
'Eu causei/fiz a macaxeira cozinhar'.
(12) a. ijō; mu; xēt
1-comida; ir; queimar
'Minha comida queimou'.
b. ntia-te; ipê; *to*; ijō; xēt
mulher-ERG; 1-MAL; CAUS; 1-comida; queimar
'A mulher causou/fez minha comida queimar em detrimento de mim'.
(13) a. kō; kakro-ti
Água; estar.quente-INTENS.
'A água está muito quente'.
b. ntia-te; *to*; kō; kakro
mulher-ERG; fazer; água; estar.quente
'A mulher fez a água esquentar'.
(14) a. kuputi; ripti
Berarubu; ser.grande
'O berarubu é grande'.
b. atōj; *to*; kuputi; ripti
irmã; fazer; berarubu; ser.grande
'A irmã (de alguém) faz berarubu grande'.

As orações (11) e (12) exemplificam a causativização de verbos ativos e as orações (13) e (14), a causativização de verbos estativos. Os exemplos mostram que a adição do verbo causativo *to* antes do sintagma nominal objeto licencia a introdução de um novo argumento à oração. Nas orações em 'a.', *kwȳrpej* 'macaxeira', *ijō* 'minha comida', *kō* 'água' e *kuputi* 'berarubu' (comida típica Parkatêjê), ocupam a função sintática de sujeitos (S) na oração intransitiva. Em 'b.', com o verbo causativo já adicionado à oração, esses argumentos passam para a função de objetos (O) na oração transitiva causativizada. Os novos argumentos, licenciados pelo causativo, são introduzidos na função de sujeitos (A) na oração causativizada.

Conforme os exemplos anteriores demonstram, na causativização analítica dos verbos intransitivos do Parkatêjê, não há contração do verbo causativo 'to' com o verbo da oração não causativa. Ao contrário, esses verbos estão sintaticamente

separados. Logo, a construção causativa perifrástica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração complexa nessa língua. Cada um dos predicados verbais (de causa e efeito) mantém seu próprio conjunto de argumentos (Comrie, 1989). O verbo causativo tem dois argumentos: o sintagma nominal sujeito (A) e o sintagma nominal objeto (O). O verbo não causativo (verbo lexical) possui apenas um argumento: o sintagma nominal sujeito (S). Esse argumento é compartilhado por ambos os verbos: para o verbo causativo ele é (O) e para o verbo não causativo é (S):

A; V_{caus}; O/S; V_{lex}
 (15) [ntia-te]; [to]; [kô]; [kakro]
 mulher-ERG; fazer; água; estar.quente
 'A mulher fez a água esquentar'.

Assim, temos os seguintes argumentos:

Para o verbo causativo *to*: A = ntia-te / O = kô.

Para o verbo lexical *kakro* 'estar.quente': S = kô.

Causativização morfológica

As construções causativas morfológicas se caracterizam por haver em sua estrutura a contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa (chamado verbo não causativo ou lexical), configurando um predicado verbal simples.

Em Parkatêjê, os verbos intransitivos ativos e estativos (descritivos) também podem ser causativizados por mecanismo morfológico, consoante aos dados a seguir:

- (16) a. mēkarō; taj; mǎ
 PL.fotos; desaparecer; mǎ
 'As fotos desapareceram'.
 b. mēntia-te; mēkarō; to = taj
 mulheres-ERG; PL.fotos; CAUS = desaparecer
 'As mulheres perderam as fotos'.
 (17) a. kǎj; hipu
 cesto; estar.cheio
 'O cesto está cheio'.
 b. i-te; kǎj; kām; ahi; to = hipu
 1-ERG; cesto; LOC; lixo; CAUS = estar.cheio
 'Eu enchi o cesto de lixo' / Lit. 'Eu fiz o cesto estar cheio de lixo'.
 (18) a. mpy; nkryk
 Homem; estar.com.raiva
 'O homem está zangado'.
 b. ntia-te; mpiên; mǎ; to = nkryk
 esposa-ERG; marido; DAT; CAUS =
 estar.com.raiva
 'A esposa fez o marido ficar zangado' / Lit. 'A esposa fez raiva para o marido'.

A oração (16) exemplifica a causativização de verbos ativos e as orações (17) e (18), a causativização de verbos estativos. A adição do causativo *to* antes do verbo lexical licencia a introdução de novos argumentos à oração. Nas

orações em 'a.', os argumentos nominais ocupam a função sintática de sujeito (S) na oração intransitiva. Em 'b.', com o causativo adicionado à oração, esses argumentos passam a ocupar a função de objeto (O) na oração transitiva causativizada. Novos argumentos nominais, licenciados pelo causativo, são introduzidos na função de sujeito (A) na oração causativizada.

Os exemplos anteriores mostram que na causativização morfológica dos verbos intransitivos do Parkatêjê, o verbo causativo 'to' ocorre em posição anterior ao verbo não causativo (verbo lexical). Logo, a construção causativa morfológica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração simples na língua. Os argumentos dos dois predicados verbais estão combinados em um único conjunto de argumentos de um único predicado (Comrie, 1989). O verbo causativizado (resultante da cliticização do verbo causativo ao verbo lexical) possui dois argumentos: o sintagma nominal sujeito (A) e o sintagma nominal objeto (O):

A; O; V_{caus} = lex
 (19) [ntia-te]; [mpiên mǎ]; [to = nkryk]
 esposa-ERG; marido; DAT; CAUS = estar.zangado
 'A esposa fez o marido ficar zangado'.

Assim, temos os seguintes argumentos para o verbo causativizado *to = nkryk* 'zangar':

A = ntia-te / O = mpiên.

Causativização lexical

As construções causativas lexicais são caracterizadas pelo predicado não causativo e sua contraparte causativa, aparentemente, não possuírem nenhuma relação morfológica, apresentando uma relação possivelmente lexicalizada na língua. Segundo Comrie (1989), esse tipo de causativo seria um *continuum* entre o causativo analítico e o morfológico.

Nos dados da língua Parkatêjê, identificamos alguns verbos causativos do tipo lexical: *hakry* 'esfriar' (intransitivo e transitivo), *prôt* 'correr'/*tok* 'espantar', *pyp* 'cair'/*hikên* 'derrubar' e *tyk* 'morrer'/*pĩ* 'matar', conforme os exemplos a seguir:

- (20) a. mpo; *jakry*
 comida; estar.fria
 'A comida está fria'.
 b. i-te; mpo; *jakry*
 1-ERG; comida; esfriar
 'Eu esfriei a comida'.
 (21) a. krô; *prôt*
 porco; correr
 'O porco corre'.
 b. mpy-te; mē; krô; *tok*
 homem-ERG; PL; porco; espantar
 'O homem espantou os porcos'.

- (22) a. kôtâj; pÿp
cupuaçu; cair
'O cupuaçu caiu (da árvore)'.
b. makrare-te; mē; mpoxô; jikên
crianças-ERG; PL; fruta; derrubar
'As crianças derrubaram as frutas'.
(23) a. kukryt; tyk
anta; morrer
'A anta morreu'.
b. mpy-te; kukryt; pîr
homem-ERG; anta; matar-PAS
'O homem matou a anta'.

O dado (20) é um exemplo de causativo lexical em que há aumento de valência verbal sem mudança na forma do verbo (Comrie, 1989). Em (20a), o verbo *hakry* 'esfriar' ocorre como verbo intransitivo, exigindo apenas o argumento nominal sujeito *mpo* 'comida'. Em (20b), esse verbo ocorre como verbo transitivo e exige dois argumentos nominais: o sujeito *i-* 'eu' e objeto *mpo* 'comida'. O argumento (S) na oração intransitiva passa para a função de argumento (O) na oração transitiva e o argumento introduzido à oração assume a função de argumento (A) nessa oração.

Os dados (21) a (23) ilustram a causativização lexical em que há aumento de valência verbal com mudança na forma do verbo (Comrie, 1989). Em (21a), (22a) e (23a), os verbos *prôt* 'correr', *pÿp* 'cair' e *tyk* 'morrer' estão em suas formas intransitivas e exigem, respectivamente, somente os argumentos nominais sujeitos *krô* 'porco', *kôtâj* 'cupuaçu' e *kukryt* 'anta'. Já em (21b), (22b) e (23b), os verbos *tok* 'espantar', *hikên* 'derrubar' e *pîr* 'matar' estão em suas formas transitivas, exigindo dois argumentos nominais: os sujeitos (*i-* 'eu', *mpy* 'homem', *makrare* 'crianças' e *mpy* 'homem') e os argumentos nominais objetos (*krô* 'porco', *mpoxô* 'fruta' e *kukryt* 'anta'). Os argumentos (S) nas orações intransitivas também passam para a função de argumentos (O) nas orações transitivas e os argumentos introduzidos às orações assumem a função de argumentos (A) nas orações transitivas. Os pares de verbos causativos lexicais *prôt* 'correr'/'*tok* 'espantar', *pÿp* 'cair'/'*hikên* 'derrubar' e *tyk* 'morrer'/'*pîr* 'matar' não têm relação morfológica entre si, de modo que esta relação parece estar lexicalizada na língua.

Consequências da causativização para o sistema de marcação de caso em Parkatêjê

Por ser um processo relacionado ao aumento de valência verbal, a causativização provoca mudanças nas funções e relações gramaticais dos argumentos de um verbo. Por isso, este processo afeta o sistema de marcação de caso.

As relações gramaticais são relações entre os verbos e seus argumentos. Essas relações gramaticais

são definidas, tradicionalmente, por três papéis sintático-semânticos básicos, denominados primitivos sintático-semânticos universais: (S) – sujeito da oração intransitiva, (A) – sujeito da oração transitiva e (O) – objeto da oração transitiva (Dixon, 1994). Já o sistema de marcação de caso consiste nos tipos de mecanismos que as línguas utilizam para agrupar esses primitivos universais: base Nominativo-Acusativa (S = A ≠ O) ou base Ergativo-Absolutiva (S = O ≠ A).

Segundo Ferreira (2003), em Parkatêjê, considerando-se as interações, seus tempos, modos e aspectos verbais, ocorrem simultaneamente os sistemas de marcação de caso Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo.

A cisão que ocorre nos verbos intransitivos³ é condicionada pela natureza semântica desses verbos, que podem ser ativos ou não ativos (estativos). Desta forma, com os verbos ativos opera o sistema Nominativo-Acusativo (Sa = A ≠ O) e com os verbos não ativos opera o sistema Ergativo-Absolutivo (A ≠ So = O). Esse padrão pode ser visto nas orações seguintes:

- (24) wa; jökrepôj
Eu; cantar
'Eu canto'.
(25) wa; Akiare; pupun
Eu; NPr; REL-ver
'Eu vejo a Akiare'.
(26) i-mpej
1-ser.bom
'Eu sou bom'.
(27) kukryt-te; i-pÿr
anta-ERG; 1-farejar-PAS
'A anta me farejou'.

Em (24) e (25), o pronome livre de 1ª pessoa *wa* ocorre como sujeito do verbo intransitivo ativo e do transitivo, respectivamente, mostrando que Sa está alinhado com A (Sa = A), sistema Nominativo-Acusativo. Em (26) e (27), o pronome preso de 1ª pessoa 'i'-ocorre como sujeito do verbo intransitivo não ativo e como objeto do verbo transitivo, respectivamente, apresentando So alinhado com O (So = O), sistema Ergativo-Absolutivo.

Conforme Ferreira (2003), a cisão no sistema de marcação de caso nos verbos transitivos é condicionada pelas categorias de TAM. Assim, no tempo não passado (presente, futuro e passado imperfeito) e aspecto não perfectivo, opera o sistema Nominativo-Acusativo; e no tempo passado e aspecto perfectivo opera o sistema Ergativo-Absolutivo. Nas construções ergativas-absolutivas, o argumento A é marcado pela posposição ergativa -

³ Nomeada por Dixon (1994) como Split S ou S cindido.

‘te’ (singular)/-‘tem’ (plural) e os argumentos S e O não recebem marcas formais.

A oração (28) apresenta o verbo transitivo no tempo passado e aspecto perfectivo. Com esse verbo, ocorre o sistema Ergativo-Absolutivo, o que pode ser comprovado pelo argumento A sendo marcado pela posposição ergativa -‘te’. Já a oração (29) apresenta o verbo transitivo no tempo não passado e aspecto não perfectivo. O sistema que opera com esse verbo é o Nominativo-Acusativo.

Ferreira (2003, p. 190-191):

- (28) a-te; Piare; pupun
2-ERG; NPr; REL-ver-PAS.PFV
‘Tu viste o Piare’.
(29) Akiare; i-pupun
NPr; 1-REL-ver
‘A Akiare me vê’.

O processo de causativização também influencia o sistema de marcação de caso do Parkatêjê. Como apresentamos nas seções anteriores, os verbos intransitivos podem ser causativizados por meio do verbo *to*, que permite a adição de um novo argumento à oração, provocando uma reorganização nas funções e relações gramaticais. Os verbos intransitivos, quando causativizados por *to*, tornam-se verbos transitivos, e ao invés de selecionarem apenas um argumento S, passam a selecionar dois argumentos: A e O. O argumento S na oração intransitiva assume a função de O na oração transitiva causativizada. O argumento adicionado a esta oração assume a função de A, como mostra o exemplo que segue:

- As; Vatv
(30) a. pa; wa; jōkrepōj
ENF; eu; cantar
‘Eu canto’.
A; O; Vtrans
b. ø-te; ri; apu; tok; *to*; wa; jōkrepōj
3-ERG; mesmo; CONT; incentivar; CAUS; eu; cantar
‘Ela sempre incentivava, me fazia cantar’.

O exemplo (30) mostra que um verbo intransitivo ativo, o qual originalmente licencia o caso Nominativo ao seu sujeito (sintagma nominal pleno ou pronome livre), quando sofre causativização no passado, passa a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo. Na oração causativizada, o novo sujeito recebe a marca de ergatividade -‘te’. O argumento O é não marcado.

- So; Vñ.atv
(31) a. mpy; nkryk
homem; estar.zangado.
‘O homem está zangado’.
A; O; Vtrans
b. ntia-te; mpiên; mã; *to* = nkryk

esposa-ERG; marido; DAT; CAUS = estar.zangado
‘A esposa fez o marido ficar zangado’/ Lit. ‘A esposa fez raiva para o marido’.

O exemplo (31) demonstra que um verbo intransitivo não ativo, que originalmente licencia o caso Absolutivo ao seu sujeito (sintagma nominal pleno ou pronome preso), quando causativizado no passado, passa a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo. A marca de ergatividade -‘te’ ocorre somente no argumento A. O argumento O também não é marcado.

Essa reorganização no sistema de caso também pode ser observada nas orações causativas lexicais:

- Sa; Vatv
(32) a. krô; prôt
porco; correr
‘O porco corre’.
A; O; Vtrans
b. mpy-te; mē; krô; tok
homem-ERG; PL; porco; espantar
‘O homem espantou os porcos’.
So; Vñ.atv
(33) a. mpo; jakrÿ
comida; estar.fria
‘A comida está fria’.
A; O; Vtrans
b. i-te; mpo; jakrÿ
1-ERG; comida; esfriar
‘Eu esfriei a comida’.

O verbo intransitivo ativo em (32a) e o verbo intransitivo não ativo em (33a) licenciam, respectivamente, o caso Nominativo e o caso Absolutivo aos seus sujeitos. Ao assumirem suas formas causativizadas no passado em (32b) e (33b), passam a licenciar o caso Ergativo-Absolutivo aos seus novos sujeitos, marcados pela posposição ergativa -‘te’.

Portanto, considerando os dados anteriores, propomos que, no Parkatêjê, quando ocorre a causativização dos verbos intransitivos no passado, há mudança do sistema Nominativo ou do sistema Absolutivo para o sistema Ergativo-Absolutivo. Embora tenhamos tentado, não obtivemos dados em que a causativização ocorra no tempo não passado (presente, futuro ou passado imperfeito). Porém, considerando o padrão do sistema de marcação de caso da língua, prevemos que, quando ocorre a causativização dos verbos intransitivos no tempo não passado, há mudança do sistema Nominativo (que ocorre com os verbos ativos) ou do sistema Absolutivo (com os verbos não ativos) para o sistema Nominativo-Acusativo.

Causativização direta, indireta e sociativa

Shibatani e Pardeshi (2002) apresentam uma discussão sobre a natureza semântica das construções

causativas, apontando três tipos semânticos de causativização: a direta, a indireta e a sociativa. Para os autores, os causativos analítico, morfológico e perifrástico estão relacionados a estes tipos semânticos e estão distribuídos em um *continuum* que envolve a distinção entre a causativização direta, indireta e sociativa.

Em Parkatêjê, observamos os três tipos semânticos de causativos, como mostram os exemplos a seguir.

- (34) atōj; to; kuputi; ripti
Irmã; fazer; berarubu; ser.grande
'A irmã (de alguém) faz berarubu grande' [Causação Direta].
- (35) Ø-te; ri; apu; tok; to; wa; jōkrepōj
3-ERG; mesmo; CONT; incentivar; CAUS; eu; cantar
'Ela sempre incentivava, fazia eu cantar' [Causação Indireta].
- (36) ntia; kê; krare; to; nō; kê; jōnto
Mãe; kê; bebê; CAUS; deitar; kê; dormir
'A mãe faz o bebê deitar e dormir' [Causação Sociativa].

As orações (34) a (36) são exemplos de construções causativas analíticas. Em (34), o causador é agente e o *causee* é paciente. Este é manipulado fisicamente (é feito grande) por aquele, o qual prepara a massa do berarubu. O causador agentivo tem total controle sobre o evento causativo (o tamanho do *causee*), o que configura uma causativização direta. Em (35), o causador e o *causee* são agentes, sendo que este obedece a uma instrução oral dada por aquele (o causador pede ou manda o *causee* cantar e este assim o faz). O causador agentivo controla parcialmente o evento causativo. Essa construção se configura em uma causativização indireta, tendo em vista que não há manipulação física. Na oração em (36), tanto o causador quanto o *causee* são agentivos. Porém, ao invés de o causador dar apenas uma instrução oral ao *causee*, ele o ajuda, mas sem realizar a mesma ação junto com ele. Isto é, para que o *causee* (o bebê) de fato durma, o causador (a mãe) deita-se na rede com ele, podendo até o embalar ou dar de mamar a ele. Esse tipo de construção consiste em causativização sociativa de assistência.

As orações (37) e (38) são construções causativas morfológicas:

- (37) i-te; kâj; kâm; ahi; to = hipu
1-ERG; cesto; LOC; lixo; CAUS = estar.cheio
'Eu enchi o cesto de lixo' / Lit. 'Eu fiz o cesto estar cheio de lixo' [Causação Direta].
- (38) ntia-te; mpiên; mã; to = nkryk
esposa-ERG; marido; DAT; CAUS = estar.zangado
'A esposa fez o marido ficar zangado' / Lit. 'A esposa fez raiva para o marido' [Causação Indireta].

A oração em (37) apresenta um causador agente e um *causee* paciente. Este é manipulado fisicamente (enchido) por aquele. Nessa construção o causador agentivo tem total controle sobre o evento causativo, configurando uma causativização direta. Já a oração em (38) apresenta um causador agente e um *causee* animado, mas que, nesta situação, é paciente. O causador influencia o estado do *causee*, ou seja, o causador (a esposa) fez alguma coisa ou teve alguma atitude que deixou o *causee* (o marido) zangado. Esta construção parece configurar uma causativização indireta.

As orações (39) e (40) são construções causativas lexicais:

- (39) i-te; mpo; jakrý [Causação Direta]
1-ERG; comida; esfriar
'Eu esfriei a comida'.
- (40) makrare-te; mē; mpoxô; jikên [Causação Direta]
crianças-ERG; PL; fruta; derrubar
'As crianças derrubaram as frutas'.

Em (39) e (40), o causador é agente e o *causee* é paciente. Este é manipulado fisicamente (esfriado e derrubado, respectivamente) por aquele. O causador agentivo tem total controle sobre o evento causativo. Essas construções consistem em causativização direta.

De acordo com Comrie (1989) e Shibatani e Pardeshi (2002), a causativização direta tende a estar mais relacionada às construções causativas lexicais, a causativização indireta tende a estar mais relacionada às construções causativas morfológicas e analíticas e a causativização sociativa é um nível intermediário entre elas. Na língua Parkatêjê, no entanto, essa relação ocorre de maneira um pouco diferente. Os exemplos anteriores sugerem que as construções causativas analíticas podem estar relacionadas às causativizações diretas, indiretas e sociativas; as morfológicas podem estar relacionadas às causativizações diretas e indiretas. Já as construções causativas lexicais parecem estar relacionadas à causativização direta, conforme a classificação semântica sugerida pelos autores.

Considerações finais

Este artigo apresentou aspectos morfossintáticos e semânticos relacionados ao fenômeno de causativização em Parkatêjê, mostrando que a causativização na língua Parkatêjê ocorre por meio dos seguintes mecanismos: perifrástico e morfológico – que causativizam verbos intransitivos ativos e não ativos (estativos ou descritivos) por intermédio do causativo 'to'; e lexical – a língua apresenta alguns verbos cuja causativização já está

lexicalizada. Ao ocorrer como verbo causativo perifrástico, o causativo *to* fica posicionado antes do sintagma nominal objeto, argumento do causativo. No entanto, quando ocorre como causativo morfológico, este elemento posiciona-se imediatamente antes do verbo lexical, cliticizado a ele, e logo após o objeto.

Ademais, esperamos que o presente estudo contribua para um maior conhecimento sobre o fenômeno da causativização na língua Parkatêjê e assim possa auxiliar pesquisas futuras acerca desse fenômeno em outras línguas da família Jê ou mesmo do tronco Macro-Jê.

Abreviaturas

1 = 1ª pessoa do singular;
 2 = 2ª pessoa do singular;
 3 = 3ª pessoa do singular;
 ACU = acusativo;
 CAUS = causativo;
 CONJ = conjunção;
 CONT = continuativo;
 DAT = dativo;
 ENF = enfático;
 ERG = ergativo;
 INTENS = intensificador;
 LOC = locativo;
 MAL = malefativo;
 NOM = nominativo;
 NPr = nome próprio;
 PAS = passado;
 PFV = perfectivo;
 PL = plural;
 REL = relacional.

Referências

- Camargos, Q. F. (2013). *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Castro-Alves, F. (2004). *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Comrie, B. (1989). Causative constructions. In B. Comrie (Ed.), *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology* (2nd ed., p. 165-184). Chicago, IL: University of Chicago Press. doi: 10.1525/aa.1982.84.4.02a00590
- Dixon, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge, GB: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511611896
- Ferreira, M. (2003). *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Givón, T. (1975). Cause and control: on the semantics of interpersonal manipulation. In J. Kimball (Ed.), *Syntax and semantics* (v. 4, p. 59-89). New York, NY: Academic Press. doi: 10.1525/aa.1975.77.4.02a00910
- Lyons, J. (1979). *Introdução à linguística teórica*. São Paulo, SP: Nacional.
- Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, SP: Unesp.
- Oliveira, C. (2005). *The language of the Apinajé people of central Brazil* (Tese de Doutorado). University of Oregon, Eugene, OR.
- Rodrigues, A. D. (1999). Macro-Jê. In R. M. W. Dixon, & A. Y. Aikhenvald (Dir.), *The amazonian languages* (p. 165-206). Cambridge, GB: Cambridge University Press. doi: 10.1017/S0022226701238766
- Shibatani, M. (1976). Causativization. In M. Shibatani (Ed.), *Syntax and semantics* (v. 5, p. 239-294). New York, NY: Academic Press.
- Shibatani, M. (2002). Introduction: Some basic issues in the grammar of causation. *Typological Studies in Language*, 48 (xviii), 1-22. doi: 10.1075/tsl.48
- Shibatani, M., & Pardeshi, P. (2002). The causative continuum. *Typological Studies in Language*, 48(xviii), 85-126. doi: 10.1075/tsl.48

Received on June 28, 2018.

Accepted on September 24, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.